

Ministério do Turismo, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e Pinacoteca de São Paulo apresentam

AYRSON HERÁCLITO

Yorùbáiano



Osório, 2008. Série 'Itari' Coleção à Cabogati. Foto: Ayrson Heráclito.

Abertura
02 abril, 11h

02 abril a 22 agosto 22

4º andar,
Edifício Pina Estação
Lg. General Osório, 66

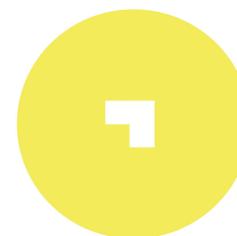
[classificação indicativa] Livre 

* Priorize o transporte público e táxi
** Traga seu comprovante de vacina

Realização

**PINACOTECA
DE SÃO PAULO**

Apoio



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

A **Pinacoteca de São Paulo** e o **Museu da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo** inauguram no dia **2 de abril de 2022**, sábado, às 11 horas, a exposição individual **“Ayrson Heráclito: Yorùbáiano”**, do artista **Ayrson Heráclito**.

Originalmente concebida para o **MAR - Museu de Arte do Rio** em 2021, a versão paulistana de “Yorùbáiano” ocupa o quarto andar da **Pinacoteca Estação** e tem curadoria de **Amanda Bonan, Ana Maria Maia e Marcelo Campos**. Na ocasião da abertura, o público poderá assistir à performance *“Segredos Internos”* (1994-2010).

Ayrson Heráclito traz à Pina Estação a força de mitologias africanas que aportaram no Brasil a partir da diáspora, do sequestro e da escravidão de diversos povos africanos, sobretudo a partir do século XIX. Na seleção de obras, o artista baiano articula culturas diversas, abarcando os mitos yorubanos ou nagôs e jejes, a um amálgama cultural único de saberes ancestrais, ensinamentos, lendas, ritos e visões de mundo distintos que fazem parte das matrizes religiosas e culturais do candomblé. Por intermédio dos trabalhos, o público pode conhecer as lendas, “itâns” e “orikis”, narrativas tradicionais que seguem presentes nas ruas, procissões, romances e enredos de escolas de samba brasileiras, tomando contato com um mundo sem pecado onde a natureza dos seres e dos bichos se complementa.

Dividida em três salas, a curadoria de “Yorùbáiano” articula três materiais orgânicos que, segundo o artista, compõem histórica e simbolicamente o “corpo cultural diaspórico”. O açúcar rememora a ganância da monocultura canavieira escravocrata, evocando ao mesmo tempo a divindade ou orixá Exú, a quem é ritualmente oferecida a cachaça. Ayrson também se vale da polissemia do azeite de dendê, ora simbolizando os fluidos vitais do corpo humano, quais sejam, o sangue, o sêmen e a saliva.

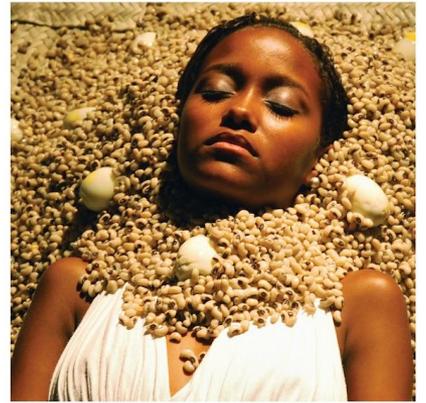
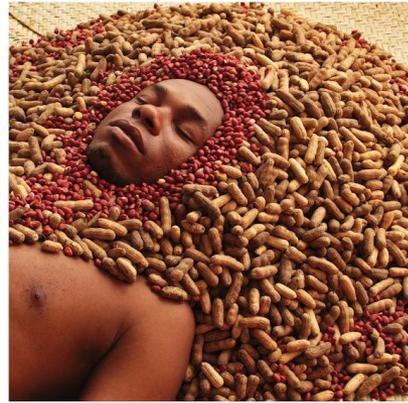
Em uma das salas, a instalação *“Regresso à pintura baiana”* (2002) envolve o tingimento de uma maquete da Igreja do Rosário dos Pretos, bem como uma parede da Estação com o dendê, saindo do campo da representação da pintura matérica, característica dos anos 1980, para a instalação, valendo-se do precioso óleo e sua coloração amarelo-terrosa. A videoinstalação *“O pintor e a paisagem”* (2011), a instalação *“Barrueco”* (2003), além da série fotográfica *“Sangue vegetal”* (2005), entre outras instalações e fotografias completam a sala.

A carne curtida no sal ou charque, por sua vez, alude às violências sofridas pelo povo negro escravizado ao mesmo tempo que remete ao orixá Ogum, a quem é oferecido o sal nos rituais do Candomblé. Nesse espaço são exibidas a instalação *“Segredos Internos”* (1994-2010), documentação da performance *“Transmutação da carne”* (2000), além do registro da performance ritualística *“Sacudimento”* (2022), realizada pelo artista ao redor do edifício da Estação Pinacoteca, onde funcionou o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), órgão responsável pela detenção de dissidentes políticos pelo regime civil-militar nos anos 1960 e 70.

A terceira sala expositiva encerra a visita com a grande instalação fotográfica *“Bori”* (2008-2011), cuja performance foi adquirida pelo Programa de Patronos da Arte para o acervo da Pinacoteca, com doze grandes fotografias do ritual de fazer a cabeça ou “bori”, representando cada um dos 12 orixás do xirê. No dia 11 de agosto, o espaço Octógono, no edifício da Pinacoteca Luz, será palco do ritual sagrado, com duração de cerca de duas horas, conduzido pelo artista, com a presença de músicos e 12 iniciados da religião africana.

Seleção de obras





Bori é uma série de fotografias que nasce a partir de uma performance ritualística, na qual o artista oferece comida sagrada para a cabeça de 12 performers que representam diferentes orixás.



AYRSON HERÁCLITO

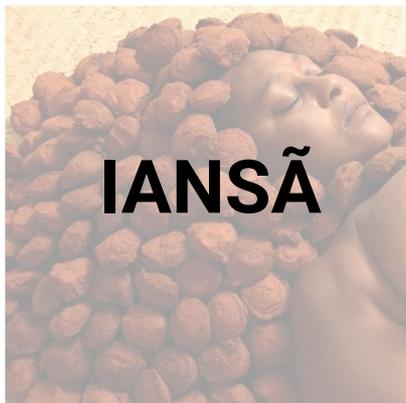
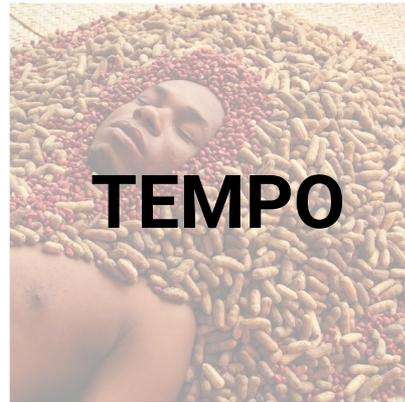
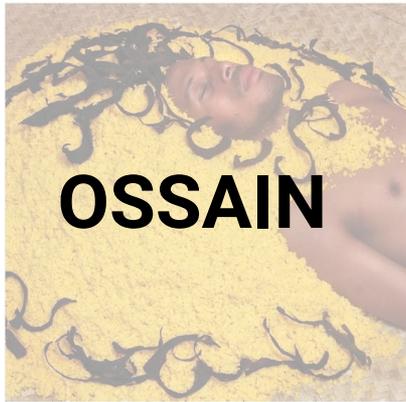
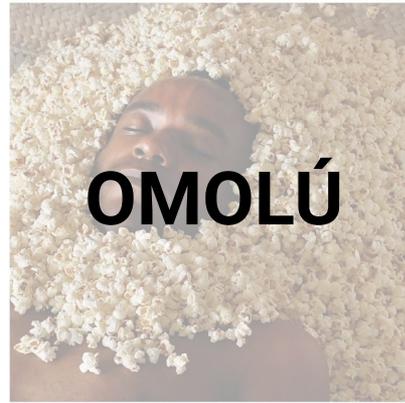
Bori, 2008-2011 (políptico)

12 fotografias impressas com pigmentos minerais sobre
Canson Rag Photographique 310g/m², montadas sobre alumínio

Edição: 5/5 + 2 PA

100 x 100 cm (cada)









AYRSON HERÁCLITO

Buruburu I, 2013

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 2/5 + 2 PA

110 x 137 cm



AYRSON HERÁCLITO

Buruburu II, 2013

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m2

Edição: 2/5 + 2 PA

110 x 137 cm



AYRSON HERÁCLITO

Flor de Chagas, 2013

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 2/5 + 2 PA

110 x 137 cm

Buruburu significa “pipoca” no dialeto Afro-Brasileiro. Na simbologia religiosa do Candomblé, a pipoca é a flor de Obaluaê, orixá das doenças e curas. São as flores brancas que pipocaram de suas feridas, por isso ficou conhecida pelo povo de santo como a Flor do Velho. Os trabalhos desta série evocam um importante ritual de cura e de limpeza do corpo físico/espiritual.



AYRSON HERÁCLITO

A Flor do Velho, 2013

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 5/5 + 2 PA

110 x 110 cm





*O papel do sangue no corpo humano serve como referência associativa do uso que o artista faz do **dendê** em sua produção. As idéias de circulação venosa, oxigenação, pressão, irrigação, pulsação, bombeamento e movimento são apresentadas como referência explícita a esse conducto cultural atávico. Explorando as potencialidades do material.*

AYRSON HERÁCLITO

Odé com Ofá (Série "Banhistas"), 2007
Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m2

Edição: 2/5 + 2 PA

166 x 110 cm

AYRSON HERÁCLITO

Retrato de Epô (Série "Banhistas"), 2007

Fotografia impressa com pigmentos minerais sobre

Canson Rag Photographique 310g/m2

Edição: 2/5 + 2 PA

166 x 110 cm





*A materialidade orgânica do **dendê**, indissoluvelmente associada ao pathos cultural baiano, permite uma leitura ampliada das nossas mazelas históricas, como a escravidão, e das ressignificações operadas pela sociedade baiana ao incorporá-lo como marca oficial da sua gastronomia.*

AYRSON HERÁCLITO

Yaô (Série "Banhistas"), 2007

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²,

Edição: 2/5 + 2 PA

166 x 110 cm





A própria religião afro-baiana utiliza o óleo de palma como o "sangue vegetal", que é oferecido às divindades em grande parte de seus rituais. Segundo o artista, o azeite de dendê é um elemento que estabelece, pela sua condutibilidade, uma integração simbólica e mística daquilo que podemos perceber como a afro-baianidade, concebida nessa imagem como um corpo alimentado por esse sangue ancestral.

AYRSON HERÁCLITO

Barrueco Colar (Série "Sangue Vegetal"), 2005
Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m2

Edição: 5/5 + 2 PA

110 x 160 cm



AYRSON HERÁCLITO

Sangue, Sêmen e Saliva (tríptico), 2005

Fotografia impressa com pigmentos minerais

sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 3/5 + 2 PA

75 x 315 cm



AYRSON HERÁCLITO

Pérola Negra, 2016

Pérola negra do Tahiti e concha da Polinésia em caixa de acrílico

Edição: 3/5

20 x 20 x 12 cm



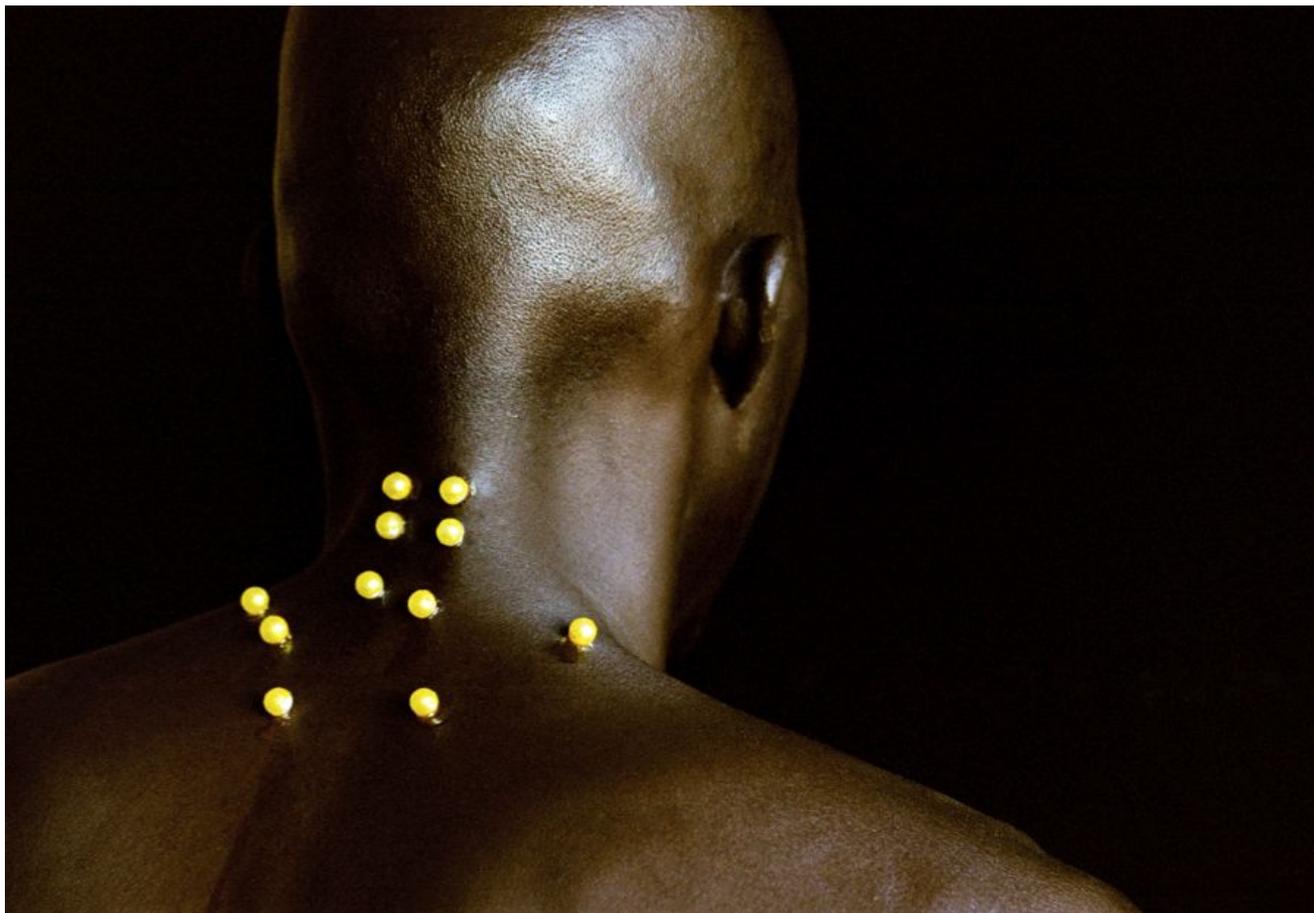
AYRSON HERÁCLITO

Piercing Pérolas (Série "Sangue Vegetal"), 2006

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m2

Edição: 3/5 + 2 PA

73.5 x 105 cm



AYRSON HERÁCLITO

Sangue e Pérolas (Série "Sangue Vegetal"), 2006

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 2/5 + 2 PA

73.5 x 105 cm



*A relação da sexualidade com o sagrado está representada nesta obra, que também participou da exposição “Histórias da Sexualidade”, no MASP, em 2017/2018. O torso nu representa o orixá **Ossain**, senhor florestas e das folhas, que com elas realiza curas e milagres. Religiosidade e sexualidade, a partir da interdição e incitamento fazem parte de uma estrutura recorrente em nossa sociedade, e que se apresenta a partir de múltiplas formas nas obras de arte.*

AYRSON HERÁCLITO

Gaye com Folhas Gu, 2015

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 3/5 + 2 PA

177 x 105 cm



Nesta série de fotografias, ações performáticas de “**sacudimento**” exorcizam dois edifícios históricos - situados em margens opostas do Atlântico - de seu passado colonial e escravagista: a Casa da Torre, na Bahia; e a Maison des Esclaves (Casa dos Escravos), na ilha de Gorée, Senegal. Oriunda das religiões de matriz africana, a prática do sacudimento, ritual de limpeza espiritual por meio de buquês de folhas, visa afastar “eguns” do ambiente doméstico, mortos que permanecem entre os vivos e causam toda espécie de incômodos e infortúnios. As performances refletem sobre o ponto limítrofe de perda da humanidade e o legado histórico dessas violências que ainda subsistem. Série realizada em 2015 como resultado do prêmio de residência do Videobrasil na Raw Material Company em Dacar, Senegal, e exibida 57a. Bienal de Veneza em 2017.



AYRSON HERÁCLITO

Sacudimento da Maison des Esclave em Gorée: Díptico II, 2015

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 1/3 + 2 PA

130 x 460 cm



AYRSON HERÁCLITO

Sacudimento da Maison des Esclave em Gorée: Fachada II, 2015

Fotografia impressa com pigmentos minerais

sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 2/3 + 2 PA

130 x 230 cm



AYRSON HERÁCLITO

Sacudimento da Maison des Esclave em Gorée: Díptico II - Sacerdotes, 2015

Fotografia impressa com pigmentos minerais

sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 2/3 + 2 PA

195 x 220 cm



AYRSON HERÁCLITO

Sacudimento da Casa da Torre: Díptico I - Sacerdotes, 2015

Fotografia impressa com pigmentos minerais

sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 1/3 + 2 PA

195 x 220 cm



***Agbê** é um deus Vodun cultuado principalmente na região do Benim. É comumente representado por uma serpente e celebra a aliança entre o homem e o mar.*

AYRSON HERÁCLITO

Vodun Agbê I, 2010

Fotografia impressa com pigmentos minerais sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 3/5 + 2 PA

166 x 110 cm



AYRSON HERÁCLITO

Vodun Agbê II, 2010

Fotografia impressa com pigmentos minerais
sobre Canson Rag Photographique 310g/m²

Edição: 3/5 + 2 PA

166 x 110 cm

2 INSTALACAO - 14 MAR - 1954

SEGREDOS INTERNOS

Myron H. ...

MAQUINA MERCANTIL

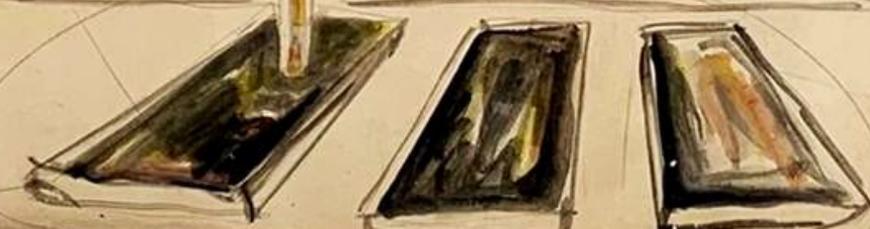


ALUNA DE ...

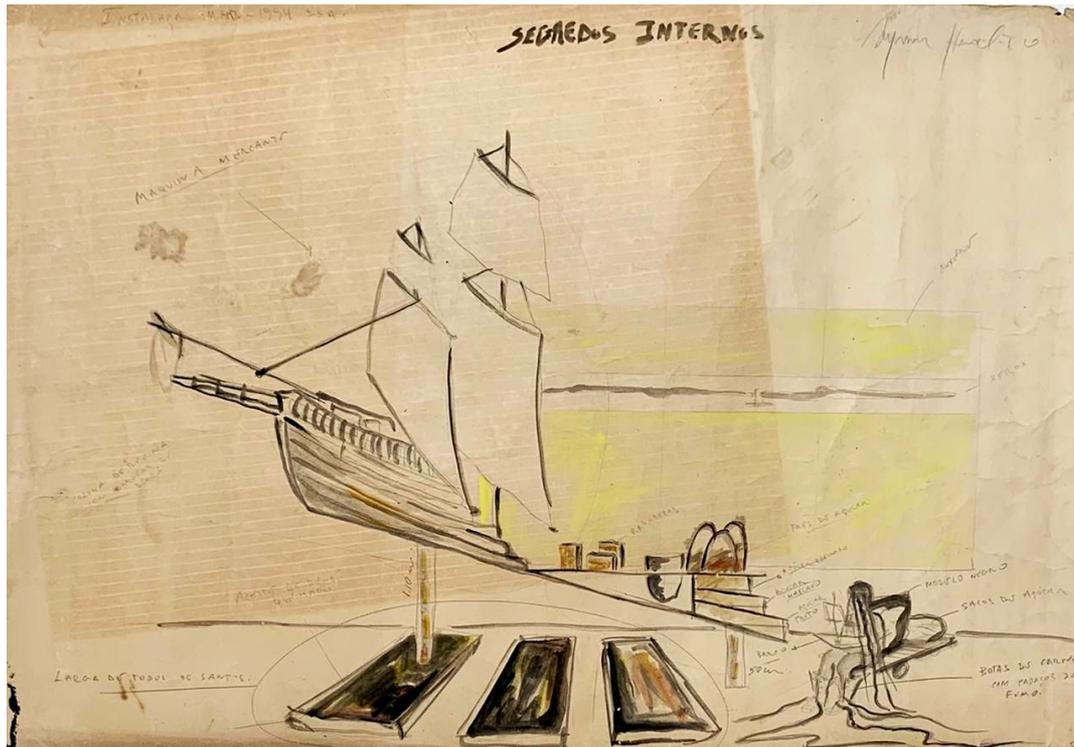
ALUNA DE ...

110 m.

ALUNA DE ...



Este é o desenho original que serviu de embrião para a instalação "**Segredos Internos**", obra seminal de Heráclito que sintetiza as suas primeiras pesquisas sobre a empresa colonial brasileira (principalmente a baiana), fundada inicialmente na monocultura do açúcar. O título refere-se a um texto homônimo do historiador Stuart B. Schwartz e ao famoso lema de Joseph Beuys, que conclamava: "tomai produtivos os segredos". Heráclito propõe aqui uma união entre a leitura histórica e a criação de uma expressão puramente visual - uma atitude artística frente às nossas questões culturais e feridas históricas. "Segredos Internos" também revisita o poema "À Bahia", de Gregório de Matos, com destaque para a passagem do "Antigo Estado à Máquina Mercante". São essas duas estruturas opostas que se projetam alegoricamente em um encontro cheio de tensão e simbologias. Um marco na formação da dramaturgia que nos constitui como brasileiros.



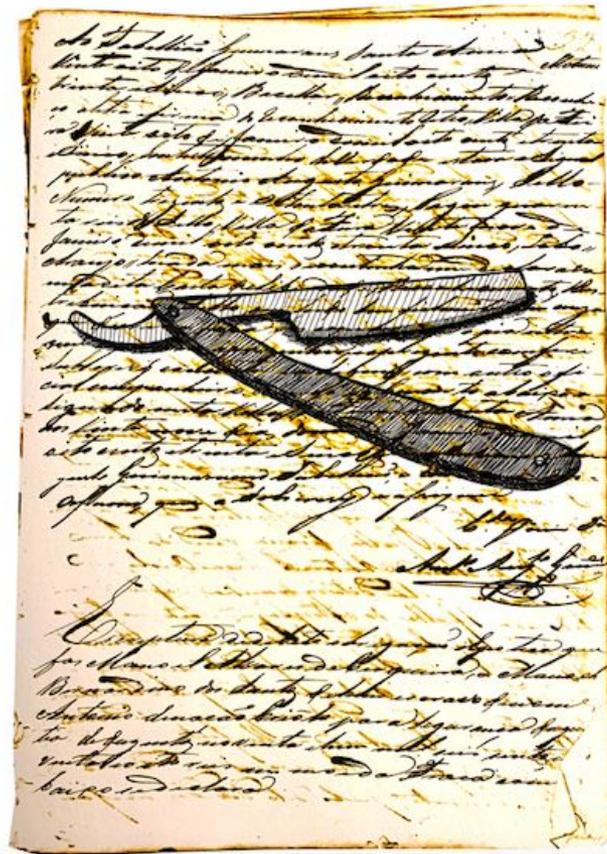
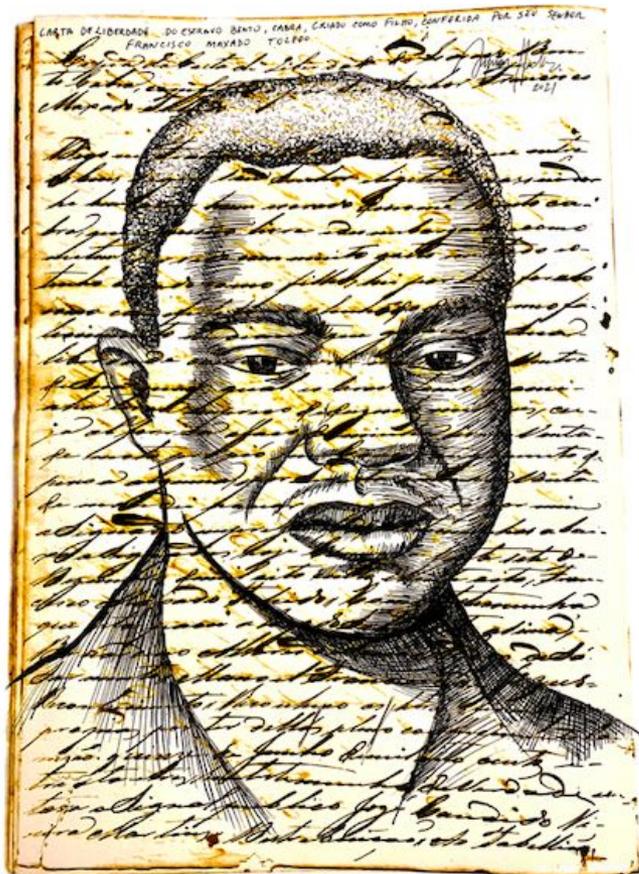
AYRSON HERÁCLITO
Segredos Internos, 1994
Desenho
Edição: única
76.5 x 106.5 cm



A instalação **Segredos Internos** propõe a união dramática de duas estruturas opostas. Em uma delas, funde-se e cristaliza-se a idéia da crise. A proa de um navio (a máquina mercante) como uma mesa de refino de açúcar nos modelos coloniais (o Antigo Estado). Aqui, Heráclito apresenta a queda, o rompimento trágico, o desequilíbrio promovido por essas duas ordens adversas. Foto: Marcio Lima (Museu de Arte Moderna - Bahia, 2010)



Nesta nova série ("**Desenhos da liberdade**"), baseada em fontes históricas da escravidão e das populações negras nas cidades baianas de Feira de Santana, Santo Amaro e Cachoeira (1830-1885), Ayrson Heráclito cria intervenções poéticas através de retratos e desenhos feitos à bico de pena sobre documentos que atestam o processo de libertação. As cobiçadas cartas da liberdade, através da ação artística, ganham camadas complexas de significados que nos fazem refletir e nos emocionar sobre esse período nefasto de desumanização de povos africanos escravizados.

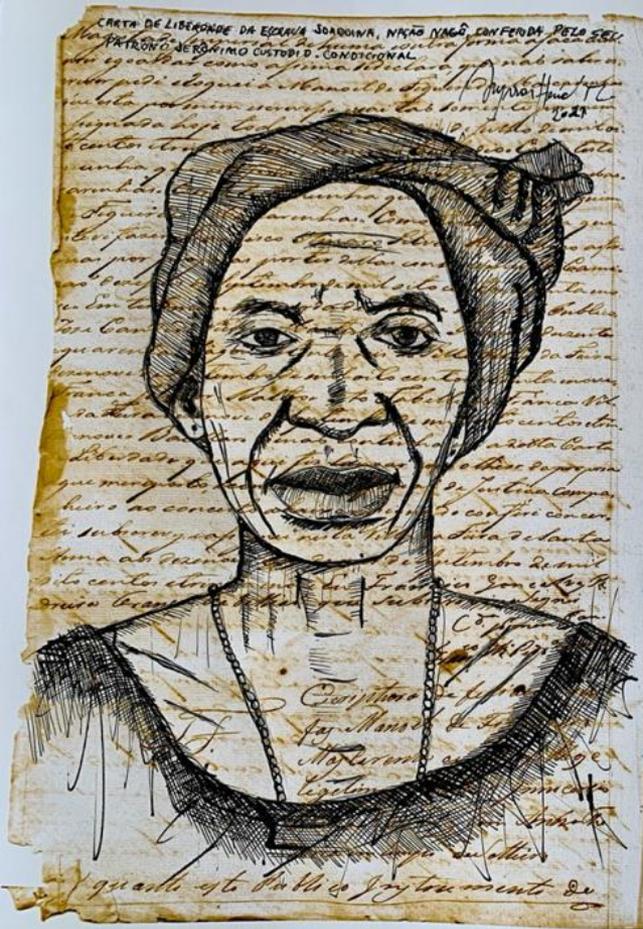


AYRSON HERÁCLITO

Série "Desenhos da liberdade" - carta de liberdade do escravo Bento, Cabra, criado como filho, conferida por seu senhor Francisco Machado Toledo, 2021
Desenho em nanquim sobre carta de alforria

Edição: única

55 x 80 cm



AYRSON HERÁCLITO

Série "Desenhos da liberdade" - carta de liberdade da escrava Joaquina, nação Nagô conferida por seu patrono Jerônimo Custódio, 2021

Desenho em nanquim sobre carta de alforria

Edição: única

55 x 80 cm

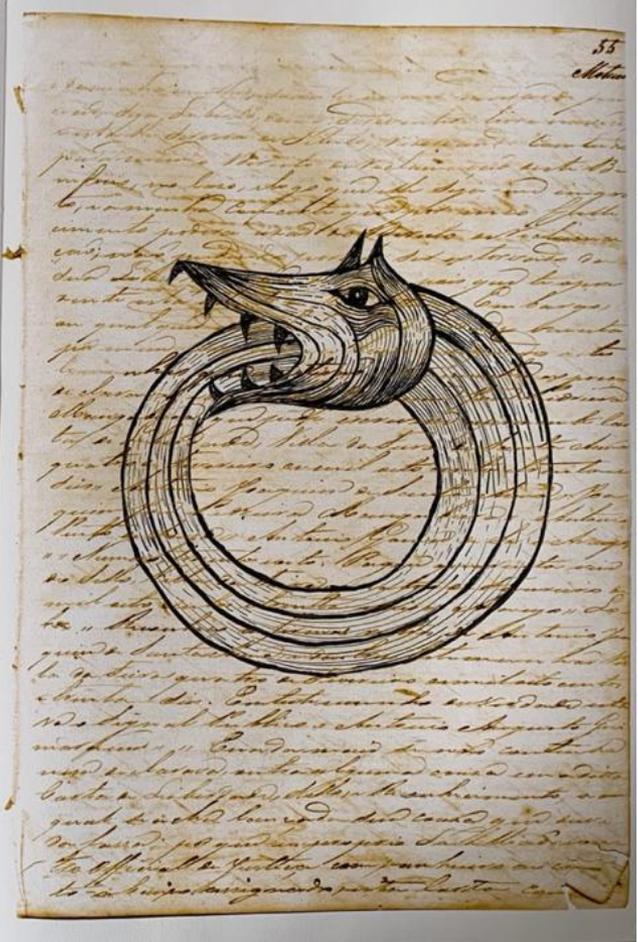
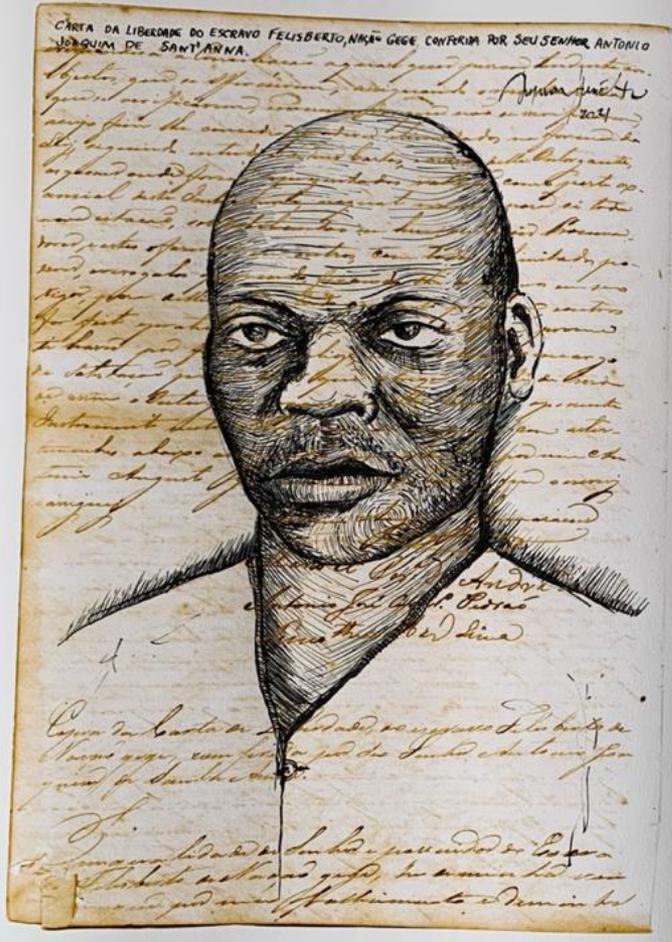


AYRSON HERÁCLITO

Série "Desenhos da liberdade" - carta de liberdade da mulatinha Izidoria, filha da escrava Josefa, conferida por seu patrono Miguel Ângelo de Souza Brandão. 1824, Vila de Feira de Santa Anna, 2021
Desenho em nanquim sobre carta de alforria

Edição: única

55 x 80 cm



AYRSON HERÁCLITO

Série "Desenhos da liberdade" - carta de liberdade do escravo Filisberto, nação Jeje conferida por seu senhor Antonio Joaquim de Sant'Anna, 2021

Desenho em nanquim sobre carta de alforria

Edição: única

55 x 80 cm

CURA

A cultura yorubá foi uma das últimas a ser implementada no Brasil da diáspora, do sequestro e da escravidão de povos africanos. Um país que dizimava, explorava e marcava a carne dessa população.

Chegando somente no século XIX, os povos da África subsaariana, por outro lado, se compunham de reis e rainhas, lideranças espirituais e políticas que permaneceram como fontes de saberes ancestrais, detentores de diversas tecnologias. Com isso, a rede de trocas e de ensinamentos, os ritos e as visões de mundo compuseram a vitalidade e a herança da população afrodescendente que se espalhou pelo país.

Os saberes se amalgamaram. Aos mitos nagôs se somaram os jejes, gerando tradições compostas, jejes-nagôs. Tais mitologias conquistaram a mais ampla penetração na história do Brasil. Uma mitologia repleta de cores, elementos da natureza e dramatizações que seduzem anciãos e crianças. Estamos falando da cosmovisão encantadora que deu origem aos candomblés, cotidianamente ameaçados e perseguidos, ainda hoje. As diversas lendas e itàn nos apresentaram os deuses africanos, os orixás.

Essas histórias, até hoje, são vividas nas ruas de nossas cidades, nos romances, nos livros, nos enredos de escolas de samba e, sobretudo, na oralidade. A partir das lendas, ficamos sabendo de um mundo sem pecado, em que a natureza dos seres e dos bichos se complementa. A consanguinidade, conceito restritivo, foi desafiada por constituições de outros tipos de parentescos relacionados às famílias de santo. De outro modo, a constituição do eu se relaciona a características herdadas dos deuses que nos coroam como filhos e filhas prodigiosos. Essa mesma mitologia nos apresenta caminhos (odus) repletos de amores e traições, de revoltas e encantamentos, além das múltiplas possibilidades de vitória frente a toda e qualquer adversidade. Logicamente, esse enredo poderoso não passou despercebido pelas artes brasileiras.

Ayrson Heráclito representa a grande reinvenção poética e política desse Brasil yorubano, vindo de uma Bahia nagô que incorporou em seu cotidiano os oúnje, as comidas, os temperos, o iyò, o sal, e, sobretudo, o epo, azeite de dendê, que, segundo o artista, compõe nossa impossível mistura no Atlântico, onde azeite (epo) e água salgada (omi iyò) se separam. O dendê, então, se liquidifica em componentes corporais, como a saliva, o sêmen, o sangue. E, ainda hoje, os deuses e as deusas yorubanos são recorrentemente temperados em ritos de maruim.

Desse Brasil, Ayrson Heráclito refaz a memória para secar feridas históricas coloniais, abertas pela exploração dos corpos em busca de riquezas na cultura canavieira. Rememorar a história, nas obras do artista, ganha um sentido de expurgação, de despacho. As feridas se juntam ao gesto de evidenciar algumas biografias, trazer rostos jamais conhecidos, rostos imaginados. Muitas vezes, os trabalhos apresentam um caminhar performático e sagrado em luta, em êxtase, em revolta. O povo de origem nagô, desde a própria denominação negativa “anagonu”, precisou reverter o estigma da subalternidade.

A representação dos orixás, nas obras de Ayrson Heráclito, ganha a complexidade e o orgulho necessários na observação dos corpos, ara, das danças, ijo, dos gestos, da condição fenotípica que culminam em cenas e encenações lendárias, em que cada corpo se apresenta, ativando jogos de correspondência em um misterioso diálogo com a beleza, ewá.

Por diversas vias, Ayrson Heráclito atravessa a história da arte, incorpora o impacto da obra de Joseph Beuys e exercita o entendimento atualizado da condição espiritual da arte em contato com forças ancestrais, em conexão com o invisível. Por isso, ao “regressar à pintura” baiana, imagina a cidade de Salvador tingida de dendê, um tempero-unguento, um óleo-amuleto.

Ayrson Heráclito se torna, cada vez mais, um dos mais significativos artistas do Brasil a elaborar ritos de cura, guardando uma obra singular que negocia as relações entre um passado nefasto, constantemente sacudido e ritualisticamente eliminado em banhos de ervas (iwè orí) com águas frescas (omi odò tó ní sà) ou no alimento constante às cabeças (borí) para que se mantenha o equilíbrio do corpo e do espírito.

Marcelo Campos
Curador





AYRSON HERÁCLITO nasceu em Macaúbas, Bahia, em 1968. Vive e trabalha entre Cachoeira e Salvador (Bahia). É artista visual, curador, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor da Universidade do Recôncavo da Bahia, na cidade de Cachoeira. Também atua como Ogã Sojatin (mestre na nação Jeje) de um Humpame de Jeje Mahi (templo que cultua os Voduns do candomblé Jeje Mahi) no subúrbio de Salvador.

A sua pesquisa está centrada nos elementos da cultura afro-brasileira e suas conexões entre a África e a diáspora na América. Suas obras transitam pela instalação, performance, fotografia e vídeo.

Dentre as suas exposições individuais mais recentes, destaque para “Yorùbáiano” (2021-2022), no Museu de Arte do Rio (MAR), com curadoria de Marcelo Campos e Amanda Bonan; “Senhor dos Caminhos” (2018), no Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Niterói, com curadoria de Pablo León de la Barra e Raphael Fonseca. Também participou de exposições coletivas relevantes nos últimos anos, dentre as quais destacamos: “Ekstase”, no Kunstmuseum, Stuttgart, Alemanha (2018); 57ª Bienal de Veneza (2017); “Afro-Brazilian Contemporary Art, Europalia.Brasil”, Bruxelas, Bélgica (2012); Trienal de Luanda, Angola (2010); e “MIP 2”, Manifestação Internacional de Performance, Belo Horizonte, MG, Brasil (2009).

Foi um dos curadores da premiada exposição “Histórias Afro-Atlânticas”, que esteve em cartaz no MASP e no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, em 2018. Em 2012, recebeu o prêmio de Residência Artística em Dacar do Sesc-Videobrasil e da *Raw Material Company*, no Senegal.

Suas obras fazem parte de importantes coleções no Brasil e no mundo, como: Museum der Weltkulturen, Frankfurt, Alemanha; Raw Material Company, Dakar, Senegal; Instituto Itaú Cultural, São Paulo, SP, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, BA, Brasil; Museu de Arte do Rio – MAR, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; Associação Cultural Videobrasil, São Paulo, SP, Brasil e Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

© 2022 Portas Vilaseca Galeria

Jaime Portas Vilaseca

Fundador e Diretor

+ 55 21 99926 3899

jaime@portasvilaseca.com.br

Frederico Pellachin

Comunicação e Relações Institucionais

+55 21 98336 1984

fredericopellachin@portasvilaseca.com.br

Manuela Parrino

Projetos Internacionais e Feiras

+55 21 98819 8906

manuela@portasvilaseca.com.br

Clara Reis

Vendas

+55 21 99113 4465

clarareis@portasvilaseca.com.br

Ana Bia Silva

Assistente de Produção

+55 21 96753-9747

anabiasilva@portasvilaseca.com.br





PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

+55 21 2274 5965
www.portasvilaseca.com.br
galeria@portasvilaseca.com.br

Rua Dona Mariana, 137 casa 2
Botafogo 22280-020
Rio de Janeiro RJ Brasil

